

DO MÉTODO DE ENSINO INDIVIDUAL AO MÉTODO “PHONOMIMICO” NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS (PERNAMBUCO, SÉCULO XIX)¹

Julianna de Souza Lacerda Silva²
Adlene Silva Arantes³

RESUMO

Neste texto, buscamos compreender o papel ocupado pelos métodos de ensino nas escolas primárias pernambucanas do século XIX. Baseamos-nos teórica e metodologicamente nos pressupostos da Nova História Cultural, da história do livro e da História da leitura no Brasil. Utilizamos como fontes de pesquisa os protocolos dos livros escolares utilizados nas escolas no período estudado e documentos da Instrução Pública. Sabemos que o século XIX é palco de muitas mudanças no campo educacional e que um dos principais focos de tais mudanças diz respeito à preocupação com a forma de ensinar. Constatamos que cada livro trazia seu método próprio de ensinar, por isso, vários métodos de ensino circulavam nas escolas no mesmo período.

Palavras-chave: História da Educação; Métodos de Ensino; Escolas Primárias pernambucanas.

THE METHOD INDIVIDUAL EDUCATION TO METHOD "PHONOMIMICO" IN PRIMARY SCHOOLS (PERNAMBUCO, XIX CENTURY)

ABSTRACT

In this paper, we seek to understand the role played by teaching methods in Pernambuco primary schools in the nineteenth century. We base ourselves theoretically and methodologically the premises of New Cultural History, the history of books and reading story in Brazil. We used as research sources textbooks of the protocols used in schools during the study period and documents of Public Instruction. We know that the nineteenth century is the scene of many changes in education and that one of the main focuses of such changes with respect to concerns about how to teach. We note that each book brought its own method of teaching, so various teaching methods circulated.

Keywords: History of Education; Teaching Methods; Primary schools Pernambuco.

1. INTRODUÇÃO

Vivenciamos nos últimos tempos grandes transformações no campo educacional, pois a cada dia que passa, entre outras assuntos, há uma preocupação em encontrar a melhor forma de ensinar, ou seja, há uma busca constante pelo melhor método de ensino. Nesse sentido, ressaltamos que a palavra método designa, frequentemente, “tanto um pequeno livro fabricado por um editor e destinado às crianças, como um conjunto de princípios pedagógicos, psicológicos ou linguísticos, que definem objetivos e os meios adequados para atingi-los”. (CHARTIER; HÉBRARD, 2001, p. 142).

Sabemos que sempre haverá vários tipos de métodos que promovam melhor o ensino. Contudo, a partir da nossa vivência diária em sala de aula, como professoras, percebemos que o método, por si só, não ensina a ninguém e que é preciso um agente transmissor dos métodos de ensino. Neste caso, o professor é este agente capaz de torná-lo cada vez mais eficiente. A partir dessa problemática, deparamo-nos com a necessidade de investigar os métodos de ensino em épocas passadas, mais especificamente, no século XIX.

Diante do exposto, buscamos compreender o papel ocupado pelos métodos de ensino no Período Imperial em Pernambuco. A relevância da temática enfocada se justifica pelo fato de terem sido encontrados poucos estudos que abordem os métodos de ensino na história da educação pernambucana. Quais os métodos de ensino encontrados na época estudada e quais eram os utilizados na província de Pernambuco? Essas e outras questões nortearam a nossa pesquisa. Baseamo-nos teórica e metodologicamente nos pressupostos da História cultural, da História do livro e da leitura e em estudos na área da História da educação no Brasil.

Utilizamos como fonte principal da pesquisa os protocolos de leitura⁴ dos livros escolares do século XIX e utilizamos como fontes complementares pareceres sobre os livros escolares, emitidos pela Diretoria da Instrução Pública, relatórios e regimentos da Instrução Pública, legislação educacional do período estudado.

Em relação ao trabalho com este tipo específico de suporte, onde se encontram as principais fontes com que trabalhamos, que é o livro escolar, os estudiosos da história do livro e da leitura no Brasil⁵ têm apontado as dificuldades em utilizá-lo, por ser considerado efêmero e pouco digno de catalogação e guarda, raramente ocupando as prateleiras dos acervos públicos. Como se percebe no trecho a seguir:

Trata-se de um livro efêmero, que se desatualiza com muita velocidade. (...) Não são poucos, portanto, os indicadores do desprestígio social dos livros didáticos. Livro ‘menor’ dentre os ‘maiores’, de ‘autores’ e não de ‘escritores’, objeto de interesse de ‘coleccionadores’ e não de (...) ‘bibliófilos’, manipulado por ‘usuários’ e não por ‘leitores’ (BATISTA, 1999, p.530).

Ainda em relação aos livros, Choppin (2002) cita os diversos fatores que explicariam a negligência que, por muito tempo, caracterizou a relação dos pesquisadores com essa fonte e situa também o próprio *status* do livro. Inicialmente, a familiaridade e a proximidade que os contemporâneos têm com o livro, acrescidas ao considerável volume de tiragens e subvenções que o tornam um produto editorial relativamente pouco oneroso, fazendo com que ele seja pouco valorizado. Além disso, os livros escolares são mercadorias perecíveis, perdendo o valor de mercado quando, por exemplo, há uma mudança nos métodos ou programas que fixam sua prescrição ou quando fatos atuais impõem modificações em seus conteúdos.

A partir da análise dos protocolos de leitura de 28 livros escolares⁶ constatamos que havia uma preocupação muito forte nos autores do século XIX, responsáveis pelo processo de produção dos principais impressos utilizados nas escolas primárias em relação aos métodos de ensino. Nesse período vários métodos de ensino eram utilizados nas escolas ao mesmo tempo, ou seja, o fato de surgir um novo método não impedia que um antigo continuasse sendo utilizado.

Chama a atenção a forma com que os autores envolvidos no processo de produção dos livros apresentavam concepções sobre os diversos aspectos da educação consideradas

atuais expressas em prefácios, dedicatórias, notas ao leitor etc. Portanto, os protocolos revelavam aspectos importantes para compreender a educação neste período, eles abordavam temas como: o tipo adequado de livro e de leitura para as crianças e traziam referências aos métodos utilizados nas escolas. Também apresentavam novas questões a serem respondidas, por exemplo, “qual o melhor método de ensino para facilitar a compreensão dos alunos” Estas e outras questões serão abordadas a seguir.

2. ALGUNS MÉTODOS PRESENTES NAS ESCOLAS PERNAMBUCANAS NO SÉCULO XIX

Percebemos que vários foram os métodos que perpassaram pelas escolas de Pernambuco nesse período, entre eles destacamos: o método individual, o método mútuo ou monitorial, o método simultâneo, o método intuitivo, o método João de Deus, o método Phonomimico, o método Jacottot⁷ e o método de escripta. Afinal, o que os autores disseram a respeito desses métodos?

Os autores dos livros escolares mencionaram nomes de alguns métodos utilizados nas escolas nesse período e atribuem aos métodos uma fundamental importância para o ensino. É o que se observa no exemplo a seguir:

(...) Em trabalhos deste gênero o methodo é sempre de importância essencial: ora é exactamente nas explicações, nas perguntas, e nos quadros synopticos annexos às lições que se encontram as bases principais do methodo que abordamos (...)⁸. (MACEDO, 1884).

O exemplo acima está no prefácio do livro *Lições de Historia do Brasil para uso das escolas de Instrução Primaria* de Joaquim Manoel de Macedo, publicado em 1884. O protocolo analisado foi elaborado pelo próprio autor, o que demonstra que os autores se preocupavam com os métodos que seguiam em suas obras.

Em Pernambuco, circulavam, por volta de 1856, ideias e conceitos sobre os diferentes métodos utilizados nas escolas. Um documento muito interessante apresenta definições para cada método de ensino e traz também toda uma discussão sobre as vantagens e desvantagens de seus usos nas escolas. Contém um modelo de prova para candidatos à vaga de professor aprovado em 1º de abril de 1856. Segundo o referido documento “methodo de ensino é o modelo, pelo qual o professor regula a sua escola”. Ou ainda, “é o sistema de preceitos dispostos em ordem para regularidade d'uma escola”. (PERNAMBUCO, 1855-1856, s/p).

Ainda segundo o mesmo documento, os principais métodos utilizados em Pernambuco eram o individual, o simultâneo e o mútuo. Começaremos, então, pelo método individual. Esse método não aparece nos protocolos de leitura dos livros analisados, mas aparece nos documentos da Instrução Pública, como é o caso do documento em questão.

O methodo individual é aquele que o professor leciona cada menino em si. (...) As vantagens do método individual são o mestre tomar para si, a cada menino, a sua lição respectiva; as suas desvantagens são não se poder praticar n'uma escola, onde haja muitos meninos, porque isso rouba grande parte de tempo.

As principais desvantagens são duas: a primeira é que os meninos não recebendo as lições do próprio professor, não recebem as suas idéias, e

serão (erratas) as idéias dos monitores? A segunda é a dificuldade de encontrar bons (decoriões) ou monitores. (PERNAMBUCO, 1855-1856, s/p). [Grifos adicionados].

O método individual, considerado o mais antigo de todos, apresenta ainda outras vantagens, a saber: por meio dele o preceptor contraia um intenso conhecimento das disposições, do caráter, do gênio, da inclinação e da vocação do aluno, e, por conseguinte, achava-se habilitado a formar-lhe o coração e dirigir-lhe a inteligência. Entre as desvantagens, são mencionadas que o número de alunos que o professor pode ensinar com aproveitamento precisava ser muito limitado. Que não aparecia entre os alunos a mínima correlação e estando todo o resto do tempo entregues a si mesmo, dificilmente conservavam a disciplina; como consistia em chamar os discípulos um após o outro, para tomar a lição de leitura, escrita, cálculo, nenhum aproveitava as lições de seus companheiros. (PERNAMBUCO, 1855-1856, s/p).

Segundo Faria Filho (2000), na verdade, o método individual era o método por excelência da instrução doméstica, aquela que ocorria em casa, onde as mães ensinavam os filhos e as filhas, ou irmãos que sabiam alguma coisa ensinavam àqueles que nada sabiam. Posteriormente, surge o método mútuo que esteve presente na primeira lei sobre educação, Lei de 15 de outubro de 1827. Em relação ao método mútuo, Bastos (2005) menciona que nesse método a responsabilidade é dividida entre o professor e os monitores, visando uma democratização nas funções de ensinar. O referido método foi sistematizado por André Bell e Joseph Lancaster separadamente: o primeiro, médico e pastor anglicano, aplicou os princípios do método nas Índias inglesas, em Madras, onde dirigiu um orfanato de 1787 a 1794. Não podendo contar com mestres capacitados, teve a idéia de utilizar os melhores alunos – os monitores – para transmitir aos demais alunos os conhecimentos que haviam aprendido com o professor. Com esse método instruiu em torno de duas centenas de alunos. Em seguida escreveu um livro relatando a experiência de como uma escola inteira poderia instruir-se, ela mesma, sob a supervisão de um só professor.

Ao mesmo tempo, ainda segundo Bastos, Lancaster cria uma escola para crianças pobres em Londres, com 800 meninos e 300 meninas, em 1798. Diante da mesma problemática de Bell, Lancaster dividiu a escola em várias classes, colocando em cada uma, como monitor um aluno com conhecimento superior aos demais e sob a direção imediata do professor. O nome monitorial foi dado na França onde as salas eram enfileiradas com um pupilo de monitor e o quadro negro. Antes da aula, o professor dava uma explicação especial para o monitor e esse passava o que lhe era dito para a turma. Assim, era o monitor quem tinha o controle da sala e quem classificava os alunos segundo os níveis de conhecimento, portanto, o papel do professor era restrito, não tinha contato direto com os alunos, só com os monitores. Segundo Faria Filho (2000), as primeiras propagandas do método mútuo no Brasil de que temos conhecimento datam de meados da segunda década do século XIX.

Em Pernambuco acreditava-se que “o método mútuo era o mais expedido de todos”, pois consistia no mestre dar as lições aos monitores e estes aos meninos de sua classe. Entre as desvantagens do método aparecem: a escola precisava ser bem preparada e dirigida por um hábil professor e monitores muito exercitados, “pois as vantagens dele são limitadas aos estudos elementares, isto é leitura, escripta, calculo”. (PERNAMBUCO, 1855-1856, s/p). A seguir mencionamos o que se dizia a respeito do método mútuo ou lancasteriano em 1856.

O método de Lancaster

Só é seguido na Aula de Primeiras Letras estabelecida no antigo Templo do Colégio Jesuítico por comodidade, que oferece aquele edifício. Mas este método na frequência não tem medrado, e nem tão pouco produzido os bons resultados, que se há observado entre os Estrangeiros: talvez (...) primeiro Instrutor enviado da Corte parecia bastante hospede, neste ensino. Entretanto se a Assembleia Provincial, como esta Congregação faz votos, adotar o parecer do Enviado Brasileiro em Londres, decretando, que o Governo mande com vantagens proporcionadas abeis, e já desenvolvidos Moços Pernambucanos para aquele Pais aprender esse método, e tão bem o *método de ensino de Jacotot*, e que venham amestrar no Pátrio solo os nossos Professores, prestará em verdade muito relevantes, e assinalados serviços á Província, que nela depositou suas esperanças, e que lhe saberá ser grata.

Nas outras Aulas de Primeiras Letras continuam a ensinar-se as matérias designadas na Ley de 15 de Outubro de 1827, por método antigo, e pode talvez dizer-se que bem sensível para o Publico. (PERNAMBUCO, 1855-1856, s/p). [Grifos adicionados].

Notamos que o método lancasteriano não rendeu tão bem como se esperava. Por esse motivo, Faria Filho (2000) diz que assim como o método individual apresentava problemas, o método mútuo, por sua vez, também não repercutiu de forma satisfatória. Em meio a essas discussões, novos métodos como o misto e o simultâneo foram surgindo ao longo do século e estão intrinsecamente conectados à forma de organização da sala de aula. Tal característica sofre uma mudança a partir da década de 70 do século XIX e a preocupação se finda nas “relações pedagógicas de ensino e aprendizagem” (FARIA FILHO, 2000, p.143). É quando emerge o assim denominado “método intuitivo”, que também ficou conhecido como “lições de coisas”. Os responsáveis pela Instrução pernambucana na época acreditavam que, entre os métodos adotados no momento o melhor era o simultâneo. Dizia-se na época que,

O *methodo simultaneo* consiste em dividir os discipulos em diversas classes ou termos, e fazer seguir em cada classe a mesma lição de leitura, de escripta e de calculo, passando sucessivamente de uma á outra classe, e tendo todo o cuidado em q'estejão empregadas em alguma cousa, aquellas classes, q' não assistem neste intervalo.

As vantagens do methodo são o mestre ou professor dirigir por si à escola sem necessitar de ajudante; as desvantagens são o mestre ver-se obrigado a recorrer ao sistema individual, quando, depois de estarem as classes organizadas, chega outro menino, que nada sabe. (PERNAMBUCO, 1855-1856, s/p) [Grifos adicionados].

Sobre o método simultâneo,⁹ podemos dizer que apresentava uma maior vantagem que os outros já usados, como consta no documento analisado, porque um professor poderia instruir a um número proporcional de alunos, dividindo-o em diversas classes ou termos segundo suas forças e poderia fazer seguir a toda uma classe a mesma lição de leitura, escrita e cálculo. O mestre poderia mandar um menino ler em voz alta, enquanto os outros acompanhavam em seus livros e passaria de uma classe a outra, tendo o cuidado

para que os alunos estivessem empregados em outra coisa enquanto não os assistissem no momento. Em relação às desvantagens, eram elencadas as seguintes: o número de alunos deve ser muito limitado, porque não o sendo, necessitaria ajudantes; por menos numerosa que fosse uma classe, todos os meninos não poderiam achar-se no mesmo grau de habilitação; porque os alunos mais adiantados ficariam estacionários a espera dos atrasados, ou estes embaraçados nos primeiros trâmites do ensino. (PERNAMBUCO, 1855-1856, s/p)

Algumas décadas depois, já em 1885 o Regimento das Escolas Primárias pernambucanas mencionava que “deveriam ser preferidos, a juízo dos professores, os métodos que mais promettessem adiantamento e levassem os alunos a desenvolverem as faculdades” (PERNAMBUCO, 1855-1856, s/p). Mas como isso deveria se feito? Por meio de perguntas bem dirigidas e concatenadas, o professor deveria aproveitar as respostas que os alunos acertavam e corrigir as erradas e incompletas; levar os alunos a descobrirem, por si sós, a regra ou o princípio que ele queria transmitir-lhes; ter o cuidado de nunca ensinar diretamente aos meninos aquilo que eles, por si sós, poderiam descobrir.

Para facilitar a compreensão e ajudar os alunos a chegarem mais prontamente à noção ou ao conhecimento que o professor tiver de despertar e radicar no espírito dos alunos, deveria ser-lhes exibidos objetos sensíveis, materiais ou pelo menos a imagem ou representação gráfica desses objetos. Recomendava-se para a sua eficácia para a aquisição de conhecimentos e para habituar os alunos à observação e desenvolver-lhes a reflexão e o juízo, os processos intuitivos, em geral, e especialmente, “o exercício das lições de cousas, que tanto captavam a atenção dos alunos, penetram-lhes o espírito e há um tempo os instruem e moralizam”. (PERNAMBUCO, 1885, p.24).

O método citado acima deveria ser trabalhado pelo mestre com a preocupação de usar coisas que fizessem parte do cotidiano do aluno, pois facilitaria o desenvolvimento das faculdades mentais. Além da preocupação com o desenvolvimento do aluno, os responsáveis pela instrução pública também demonstravam preocupação em relação à produção de livros para o ensino da leitura nas escolas. Mas era preciso todo um processo de avaliação desses impressos até que chegassem às escolas. Na Província de Pernambuco, emitiam pareceres sobre os livros o Grêmio dos Professores Primários, o Conselho Literário, o Conselho Superior da Instrução Pública Estadual e Municipal, sendo esses últimos, a partir de 1897. Um dos critérios para a aprovação dos livros era o método adotado. Portanto, se os livros trouxessem métodos considerados não apropriados pelos conselhos responsáveis pela aprovação na época, os autores poderiam ter seu livro reprovado e impedido de circular nas escolas. No exemplo abaixo podemos observar que, como o método que o livro adotava era considerado como sendo de reconhecido proveito, o livro foi aprovado.

Da leitura do referido manuscripto avaliou a comissão a importancia e utilidade que deve elle trazer ao ensino nas escolas. Importancia, pela diversidade dos assumptos, referentes a vários ramos de conhecimentos, com especialidade da nossa historia pátria, e principalmente desta província: utilidade, pela fácil aquisição que delles podem fazer as crianças, com o simples e ameno estylo em que estam descriptos, prestando-se muito ainda ao ensino das - *Lições de cousas* -, cujo exercicio é hoje de tam reconhecido proveito. (CAVALCANTI, 1880, s.p.). [Grifos adicionados].

O exemplo acima foi retirado do livro *Leituras Selectas para as Escolas Primárias* de João Barbalho Uchôa Cavalcanti, publicado em 1880. O autor era então o Diretor Geral da Instrução Pública de Pernambuco. A obra foi analisada e aprovada em parecer emitido pelo Grêmio dos Professores Primários em 8 de Abril de 1879. Como vimos, o livro traz o método intuitivo, ou seja, Lições de coisas, considerado adequado na época. Em relação ao método Lições de coisas, consta no Relatório da Instrução Pública de 1879¹⁰ uma definição para o referido método que dizia o seguinte:

O que é a lição de cousas?

A expressão Lição de Cousas é genérica e vaga, mas conforme o uso a tem recebido designa uma das partes mais importantes do programma das escolas primarias: Lições Oraís feitas pelo professor ou professora sobre objetos no meio dos quais vivem os meninos, sobre objetos de que elles se servem, e sobre factos habituaes da vida quotidiana (...)

Lições de Cousas tem por fim formar os sentidos dos meninos, fortifical-os, desenvolvel-os, phisicamente regulal-os, e pelo dizer assim, fazer-lhes a educação por exercícos methodicos. (PERNAMBUCO, 1879, p.155).

O método intuitivo consistia em o professor trabalhar com lições orais e, além das lições orais trabalhar o desenvolvimento físico. Segundo Valdemarin (2000), o método de Lições de coisas ou método de ensino intuitivo é uma criação do século XIX, período da criação da escola moderna. O processo educativo iniciava-se com as operações dos sentidos sobre o mundo exterior, a partir das quais são produzidas sensações e percepções sobre fatos e objetos que constituem a matéria prima das ideias. Portanto,

As ideias assim adquiridas são armazenadas na memória e examinadas pelo raciocínio, a fim de produzir o julgamento. O sistema de ensino deveria desenvolver-se do simples para o complexo, do que se sabe para o que se ignora dos fatos para as coisas, das coisas para o nome, dos princípios para as regras, ou seja, do que pode ser observado para a abstração. O método intuitivo pretendeu direcionar o desenvolvimento da criança de modo que a observação gerasse o raciocínio e o trabalho e preparasse o futuro produtor, tornando indissociáveis pensar e construir (VALDIMARIN, 2000, p.76).

Para Faria Filho (2000), os métodos mútuo e intuitivo não deram certo, porque não haviam sido produzidas as condições necessárias para a condução desses métodos, entre as quais cita: a falta de espaço para a realização das aulas, a incipiência de materiais didáticos e pedagógicos e a ausência de locais específicos para a formação dos professores. Ainda segundo o autor, no final dos anos de 1830, “o método mútuo dará lugar em várias províncias e em vários textos legais, aos chamados métodos mistos” (p.142). Esses métodos tentavam aliar as vantagens do método individual às do método mútuo, no momento, e em outro, valorizavam os aspectos positivos deste último às inovações propostas pelos defensores do método simultâneo. Por sua vez, o método simultâneo era o que melhor atendia às especificidades da instrução escolar, “porque permitia a organização de classes mais homogêneas, a ação do professor sobre vários alunos simultaneamente, a otimização do tempo escolar e a organização dos conteúdos em diversos níveis, dentre outros elementos”. (p.142).

Outro método também utilizado em Pernambuco que aparece no Relatório da Instrução Pública de 1879 foi o *Método João de Deus* cuja autorização para seu uso data de 03 de junho de 1880. “Ocasão em que foi autorizado ao professor da 3ª cadeira primária da freguesia de Santo Antônio do Recife, Francisco da Silva Miranda utilizar o referido método em suas aulas”. (PERNAMBUCO, 1880 p.36). Analisando o método João de Deus¹¹, percebe-se uma preocupação com a forma de aprendizagem da leitura. Portanto, trata-se de um método de alfabetização (como chamamos hoje). É o que se observa no trecho abaixo:

Sendo a leitura a pronuncia sucessiva dos elementos simples ou compostos, certos ou incertos da palavra escripta, é ella a verdadeira soletração, porque só na leitura se dá aos caracteres seu justo valor. Das duas soletrações, _ a antiga, que vai chamando as letras pelos seus nomes para apresentar depois, não a soma desses nomes, mas a dos valores dessas letras é absurda e desmoraliza o raciocínio do principiante. (PERNAMBUCO, 1879, p.100).

Como poderia, nas palavras do próprio João de Deus, “uma alminha ainda com aquela luz tão pura que traz de Deus entender que cê, agá, a, junto, somado, é xá? Isso será ensinar a ler mas é ao mesmo tempo embrutecer” (PERNAMBUCO, 1879, p.101). O autor continua dizendo, que

Esta soletração, si ainda não está (proscripta) está já condenada. Modernamente como se soletra cha? Deste modo: x, á, xá. Mas, si o aluno sabe, pelo conhecimento das regras ou por intuição, o valor (hypolhetico) de ch, Lê igualmente xá, e si não sabe, não pode soletrar a moderna. Daqui resulta que a soletração é a leitura. (PERNAMBUCO, 1879, p.101).

Com o conhecimento das regras o aprendiz pode identificar o valor das letras e, como diz a citação, se ele não sabe, o aprendiz poderá usar a soletração moderna; Para ensinar a leitura, o método João de Deus estabelece suas regras distinguindo desde logo nas letras o valor e o nome. Segundo ele, não era preciso fazer o aluno aprender de cor e em sua ordem clássica o alfabeto, “o que só servia para os que querem folhear dicionário”. As letras deveriam ser classificadas segundo seu valor fônico, pela seguinte forma:

- D) vogais: a, e, i, o, u
- a) consoantes certas v, f, j, t, d, b, p, l, k, q
- b) consoantes incertas c, g, r, z, s, x, m, n
- c) consoantes compostas certas th, rh, nh, lh, ph, } y
- d) consoantes compostas incertas ch. (PERNAMBUCO, 1879, p.101).

Eis aqui os nomes propostos pelo autor e que “se irão dando a aprender, não de uma vez, mas à porção das letras que cada dia se vai ensinando”:

- a, bé, céques, dê
- é, fé, jég, agá
- i, jê, ke grego lélh, metil, nenhetil
- o, péf, qê, rér, sezéz, tê
- ú,vê, qcé, cezé, i grego, zez (PERNAMBUCO, 1879, p.101).

Segundo o autor, esses nomes podem parecer estranhos aos que já sabem outros nomes, mas não ao analfabeto que tendo de aprender um nome para cada letra, aprende nomes verdadeiros e metódicos, contendo os valores das letras a que se aplicam. Propõe então, começar o ensinamento pelas vogais a, e, i, o, u, excluindo o y para não surpreender logo no princípio o aluno com duas letras que lêem do mesmo modo, tendo nome e forma diversos e consistindo a leitura na combinação das letras. “Em seguida as cinco por onde começa o aluno dão-lhe logo quatro palavras por elas formadas _ ai, ui, eu, ia _ que lêem sem soletrar pronunciando cada letra a medida que o mestre a indica com o ponteiro”. (PERNAMBUCO, 1879, p.102).

Na segunda lição de seu livro *A cartilha maternal, ou a Arte da leitura*, o aluno deveria combinar as cinco vogais com a primeira das consoantes classificadas, _ v _ e passar a ler as palavras vá, vai, etc. Nas lições seguintes, ele irá tomando mais uma letra e sempre combinando com as anteriormente apresentadas. “O ensino deveria ser dado em quadros parietais contendo separadamente as lições munindo o professor de uma varinha ou ponteira para indicar as letras”, de modo que o aluno pudesse dispensar a *cartilha*. (PERNAMBUCO, 1879, p.103).

Segundo João Barbalho Uchoa Cavalcanti, Diretor da Instrução Pública de Pernambuco, por um longo período do Império Brasileiro, e relator do documento em questão, na “Cartilha Maternal” encontram-se observações sobre as letras e as sílabas que revelam um importante estudo sobre a natureza e o valor fônico das letras e sílabas. Contudo, João Barbalho não considerava original o estudo de João de Deus. Dizia que algo do que continha a Cartilha Maternal sobre os nomes e valores das letras, já se encontrava na Gramática do Padre Joaquim do Amor Divino Caneca. Segundo ele, João de Deus não poderia conhecer, porque sua obra foi publicada em Portugal em 1876 e o segundo volume das obras do padre Caneca, “onde a página 61 se acha o que passo a transcrever, imprimiu-se aqui no mesmo ano quando já existia a cartilha”:

O alfabeto portuguez é muito imperfeito, visto que para formar umas syllabas tem letras de mais, e para formar outras faltam-lhes letras, porque adoptaram os homens alguns erros que comunicaram á posteridade, e que já estão irremediáveis. Esses erros foram habituarmos desde a nossa infância a pronunciar algumas letras com sons diferentes dos seus naturaes, v. g: a letra c com o som de k ou de q, a letra g com o som de j; a letra s com o som de z; as letras ch com o som de q ou de x, as letras ph com o som de f. (PERNAMBUCO, 1879, p.103).

Como vimos na citação acima, para João Barbalho o alfabeto português apresenta muitas imperfeições, devido ter letras consideradas demais em algumas palavras e faltar letras em outras. Consta ainda, no relatório anteriormente citado, que o método de Deus condenava a soletração porque era a favor da palavração. Nesse sentido, Silva Jardim, um dos primeiros divulgadores do método João de Deus no Brasil, dizia em 1884 que “a Cartilha Maternal é uma revolução no ensino, e que abre uma fase nova e definitiva no ensino, - a palavração “-”. O autor afirmava que na Cartilha Maternal a soletração era fictícia, pois reunia “nomes absolutos exigindo em seguida valores”. Além de uma silabação transitória, pois “reunia sílabas isoladamente, para depois ler a palavra; definitiva a palavração, em que se lê desde logo a palavra, partindo da mais fácil para a mais difícil, da simples para a composta”. (SILVA JARDIM apud MORTATTI, 2000, p.48). Este autor defendia a palavração, como pode ser observado no trecho a seguir:

A palavrção, pois é o único processo racional, porque não ensina o alfabeto todo e sim por partes; porque não arbitrariamente e sim partindo das vogais, elementares e gerais, comuns, para as invogais, sons secundários e especiais, e ainda nestas, das mais aproximadas d'aquellas para as mais affastadas, n'uma complicação crescente e generalidade decrescente, porque finalmente toma explicito que para lêr não são necessários nomes de letras e sim seus valores, por isso que so estes são falados, que aquelles são sua abstraccão convencional (SILVA JARDIM apud MORTATTI, 2000, p.48-49).

Ainda segundo Silva Jardim, a ideia de revolução nos métodos de ensino da leitura representada pela Cartilha Maternal remete “às concretizações rotineiras, para a época, em relação a esse ensino, sobretudo aquelas centradas nos métodos atualmente denominados marcha sintética - soletração e silabação”. (SILVA JARDIM apud MORTATTI, 2000, p.48-49).

Podemos ver ainda a explicação de como funciona o método de João de Deus segundo João Barbalho Uchoa Cavalcante após ter observado uma aula do Dr. João Antonio de Oliveira:

O valor d'uma letra obtem se supprimindo no sem nome a voz final ê. “a letra v, por exemplo, tem um valor e um nome, o valor obtem-se ajuntado o labio inferior contra a face externa dos dentes incisivos superiores e vozeando. Obtem-se um som musical inteiramente parecido com o zumbir do bezouro.“se terminamos este som, abrindo a bocca, despegando os lábios, e soltando a voz fundamental ê, sai-nos o nome da letra vê. (CAVALCANTI, 1879, p.109).

Consta ainda em seu relatório que obtemos o valor da letra *j* inteiramente semelhante ao som da água que sai por um orifício estreito se colocamos a língua no céu da boca ajustando os bordos laterais e formando uma espécie de caleira longitudinal, por onde passa todo o ar expellido dos pulmões e que vem sair pela abertura formada entre a ponta da língua e a abóboda palatina no seu terço anterior, soltando a voz. Se no momento de separar a língua do céu da boca preferimos a voz fundamental ê, obtemos o nome de jê. (CAVALCANTI, 1879).

A letra *z* tem dois valores, um no princípio da sílaba e outro no fim, como perfeitamente se vê na palavra monossílaba *zaz* que principia e acaba por ela. A letra *x* tem quatro valores. Diante de cada valor põe-se a voz ê, e reúnem-se os nomes assim formados. Vem daí os nomes *Zê- xê dado a voz z, sê- Zé- Xe dado a s, kse- sê- Zé- Xe dado a x.* (CAVALCANTI, 1879, p.108).

Estes tres nomes são uma esphinge, um nó górdio, um horror para quem do nosso methodo apenas sabe a resonacia d'esta palavras, compridas e extravagantes. Quem conhece o Methodo, conhece d'uma letra todos os valores, desde que digam o nome. – Estas letras chama se jê- gê. – Sim? Pois Então é uma letra, letra incerta, de dous valores. Um *j...* é longa, prolongavel e palatal, outro *g* é mudo improlongavel e guttural. Mas não se faça do tamanho d'estes nomes, da sua Aparente mal sonância, uma razão contra o methodo. Estes nomes são muito poucos, só os tem compostos as letras de Valores compostos ou incertos, e estas são *c, g, n, z, s, x.* estes

nomes para quem conhece a lei da sua formação são Immensamente simples. (CAVALCANTI, 1879, p.108).

João Barbalho ainda relata que, das lições que ouviu não só nessa escola, mas também na aula noturna do club Gymnastico portuguez, sob a direção do Comendador Gomes Cardim:

Pareceu-me ser de fácil execução e de lisonjeiros resultados a prática do referido método, especialmente para o ensino dos adultos. Segundo ele a observação também fez o inteligente professor Francisco da Silva Miranda que tem aqui ensinado já há meses pela Cartilha Maternal e que declarou que os alunos por este sistema ensinados aprendem mais depressa. (CAVALCANTI, 1879, p. 110-111).

Além do método de Deus, encontramos registros sobre outros métodos que eram praticados em Pernambuco, como é o caso dos métodos *Phonomimico* e dos *métodos de Escripta*.

Em relação ao primeiro, consta no documento analisado que se tratava do método de leitura do autor Gosselin, que era utilizado na Europa e não muito conhecido no Brasil na época. Consta no documento analisado que,

A denominação que lhe deu de phonomimico está indicando sua natureza e processo. Faz acompanhar de movimentos feitos com a mão emissão dos sons. Cada um d'estes é symbolizado por um movimento differente, que não é tomado ao acaso, mas quanto possível imitativo do som ou articulação que representa. Por exemplo: o- a- é representando por um gesto expressivo de admiração. O- o- por um gesto que figura repellir alguma cousa com horror, O- i- por outro indicando o canto da bocca elevado pelo riso. O- v- por um movimento de mão simulando o vôo de um pássaro. Em fim, gestos característicos especiais servem para indicar cada um das vogais, diphtongos e consoantes.

O gesto representativo fixa no espírito do menino a articulação cujo o som por elle é representado, si a memória experimenta alguma hesitação a imaginação do aluno recorre á associação de idéias que dictou a escolha do gesto. É uma operação mental que se faz com uma grande rapidez e de um modo quase instinctivo. (PERNAMBUCO, 1879, p p.112).

Em relação ao *Método Phonomimico*, João Barbalho explicava que a prática demonstrava os vantajosos resultados que este método oferecia.

Com seu auxilio podem começar os exercícios preliminares da leitura aos três anos de idade. Os exercícios, dentro de certa medida não canção o cérebro dos meninos. Não exigem deles a imobilidade. Captando a atenção. As lições são por si mesmo muito animadas. Sendo em comum cada menino é naturalmente levado a imitar o gesto de seu companheiro. Nenhum se pode furtar ao movimento (ao invés dos outros métodos que permitem poderem alguns calar-se parecendo que sua voz se confunde com a dos outros). Isto dá lugar o que facilita o mestre ver quais os que se distraem e os que se abstêm: nenhuma falta lhe pode escapar. De sua cadeira e de um só olhar o mestre vê o jogo das mãozinhas dos meninos e os que nele não tomam parte. (PERNAMBUCO, 1879, p.113).

Neste método, o professor colocava os meninos sentados em ordem, executava os movimentos figurados por gravuras na cartilha, a fim de ligá-los às ideias que a eles explicava a significação. Na prática deveria funcionar da seguinte forma:

Quando os meninos vêem alguma cousa que se lhes excita a admiração, dizem *ah!* É assim que exprimem sua admiração e de ordinário fazer ao mesmo tempo este gesto (e o mestre o faz como está figurado na cartilha).

Agora vejam no seu livro, ai está uma figura representando uma menina que exprime a admiração de que se acha possuída. Não estão vendo? Ella está fazendo esse gesto, e ao mesmo tempo dizendo *ah*.

Pois bem, a letra que se acha ao lado d'ella no livro é um *a*. Agora me digam: Como se exprime a admiração e que letra é esta?

Neste momento os meninos imitam o gesto feito pelo mestre dizendo ao mesmo tempo *ah!* Depois o professor, para variar o exercício, repete o gesto sem falar e os meninos respondem dizendo o nome da letra *a*. Por ultimo, ele pronuncia o som e os meninos, sem falar, reproduzem o gesto. (PERNAMBUCO, 1879, p.115).(Grifos do autor).

João Barbalho acreditava que esse era o melhor método naquele momento, porque previa que, para formar cada sílaba era necessário fazer o gesto que correspondia a articulação da boca, antes de pronunciar a sílaba a ser ensinada. Só depois que se utilizasse do gesto é que se emitiria o som da sílaba. Diferentemente dos demais métodos na época. Para ele, o método em questão dava mais sentido a aprendizagem dos alunos, visto que,

As primeiras sílabas que se dão a ler aos meninos são palavras monossílabas, de forma que precede dessa longa serie de sílabas sem sentido de que tanto se usa, e que não inspiram interesse algum as crianças, somente servindo para tomar mais enfadonho um estudo que já lhes é tão penoso.

Vê logo depois, sucessivamente e sempre em pequeno número, os dissílabos, trissílabos e quadrissílabos. Evitam-se as palavras peregrinas e de uso pouco comum deve, além disso, o mestre não deixar jamais passar, sem explicar-lhe o sentido, de qualquer palavra que os meninos por ventura desconheçam.

Não há necessidade de parar entre as sílabas de palavras. Se vão fazendo sem interrupção os movimentos representativos das letras, preparando cada articulação de maneira a fazê-la recair pelo gesto seguinte. (PERNAMBUCO, 1879, p.115-116).

Na sequência, a palavra inteira deveria ser pronunciada de uma vez com todos os seus elementos. Cavalcanti ainda demonstra em seu relatório a ordem deste método, em dez etapas, como veremos a seguir:

I - Sons simples:

1º representados por uma só letra (a-e-i-o-u);

2º articulações simples expressas por uma só letra (p, b, t, d, f,

v, s, z, c, g, r, l, m, n, j);

- II- sylabação (palavras de uma, duas, tres e quatro syllabas Compostas dos elementos já conhecidos).
- III - sons simples representados por duas letras(e que entram as vogais nazaes).
- IV - articulações compostas:
 - 1º representada por uma só letra(x Valendo ks).
 - 2º representadas por duas letras (bl, cl, Cr, dr, etc.).
- V- som simples- signal equivalente- y igual a i).
- VI- articulação simples,- emprego differente de um só sinal- (c por s, g por j).
- VII- sons compostos- diphthongos. Articulação simples- sinais Equivalentes (c, k, q, qu, g, gu).
- VIII - letra principalmente orthographica (h nullo na pronuncia).
- IX- articulação simples representadas por duas letras (ch,etc.).
- X- alfabeto em maiúsculo.(PERNAMBUCO, 1879, p.116).

O autor destaca ainda que, no não deveria ser feito nenhum gesto para ensinar o som da letra nula (h) e quando se tratasse de um grupo de letras que representassem muitos sons, dever-se-ia fazer vários movimentos para poder explicar cada som.

Por último, abordaremos os métodos de *Escripta* que deveriam ser utilizados separadamente dos métodos de ensino e leitura, como se refere João Barbalho a seguir:

Havendo tratado da leitura mechanica, seguia-se para a leitura corrente e expressiva, de que aquella é preparo e ensaio. Mas a escripta póde ser ensinada de par com a primeira leitura e há vantagens que aconselham esse ensino simultaneo. Não é, portanto, fóra de proposito dizer agora sobre os methodos e processos de ensinar a escrever. Pelo geral, o ensino da escripta nas escolas que percorri é tambem como o que se dá nas d'esta província. Os modelos adoptado são os de Gvrillo, de Adler, de Scully, de Menezes Vieira, etc. Naturalmente por não os julgarem satisfatórios, outros em lingua estrangeira são igualmente usados, taes como os de Taupier, Cassel Darmell, etc.(PERNAMBUCO, 1879, p. 119).

Podemos observar no trecho acima citado que não havia consenso quanto ao ensino da escrita, uns preferiam ensinar junto com a leitura, outros achavam que deveriam ser ensinados separadamente. Nesse sentido, João Barbalho diz que em outras províncias o ensino da escrita era ensinado separado da leitura.

Em relação ao uso dos métodos de escrita em Pernambuco, João Barbalho relata o discurso de um professor que faz uso do método de escrita em língua estrangeiras como veremos a seguir:

Disse-me um professor, a quem eu ponderava os inconvenientes dos translados em lingua estrangeira,- que ahi havia a vantagem de prender mais a attenção dos meninos. Pois, não lhes sendo familiares as palavras que tinham diante de si, em vez de lerem-nas para escrevê-las por inteiro e sem mais attentar para o modelo,- encontrando-se com palavras que nunca viram e para elles complicadas- tinham de lel-as letra por letra e escrevê-las olhando a cada letra para a copiar e imitar.(PERNAMBUCO, 1879, p.119).

João Barbalho discordava desta maneira de captar a atenção dos meninos, do que ele chamava de escrita mecânica,

Penso, porém, que essa não é a maneira mais propria de captar a atenção dos meninos. Assim, não só se perde um excellent meio de gravar na memória dos alunmos os preceitos de moral pratica que se lhes deve ensinar com as outras disciplinas, e que tam bom lugar têm nos traslados que lhes são dados a copiar, - mas tambem póde prejudicar-se por esse modo o ensino da Orthografia.(PERNAMBUCO, 1879, p.119-120).

João Barbalho também relatava que era um grave defeito reduzir o ensino da escrita a um simples exercício mecânico, pois a escrita é muito importante ao ponto de auxiliar os alunos com as outras disciplinas, como veremos abaixo:

É certamente um grave defeito reduzir o ensino da escripta a um, simples exercicio mechanico, quando elle tam profícua- mente se presta a auxiliar o alumno em outros estudos. A leitura, a orthographia, a instrução moral e cívica, podem tirar d'elle muito proveito. E é um erro perante a boa pedagogia deixar passar, sem aproveitá-la, qualquer ocasião em que se possam augmentar os conhecimentos aos meninos de cujo ensino se cura. Mas, si em geral convém deixar aos professores a precisa liberdade quanto a escolha dos methodos,- no que concerne à calligrafia essa liberdade parece dever ser absoluta.(PERNAMBUCO, 1879, p.120).

Contudo, por mais que discordasse dos professores que faziam uso da escrita mecânica sem conciliá-las com as demais disciplinas, João Barbalho assumia que a escolha pela forma de ensinar era do professor. Dizia ele que é mais fácil ensinar os primeiros exercícios de caligrafia combinados com os de desenho pois, os dois juntos facilitam muito mais. Nas palavras do autor:

Um dos meios de facilitar este ensino é combinar os primeiros exercícios de escripta com os primeiros elementos do desenho. com effeito a calligrafia, conforme disse o professor A. Mesquita, nas conferencias pedagógicas que se celebraram na corte em 1873,- a calligrafia é uma espécie de desenho linear pratico. O que é o alfabeto, o objeto elementar e material da calligrafia, sinão as figuras geométricas em formas rectas, cuvas, horisontaes, perpendiculares, inclinadas, angulares, quadriláteras mais ou menos perfeitas, conforme os diversos caracteres de letras? Com effeito, a imitação que é um dos processos empregados na calligrafia o é tambem no desenho. Os exercicios mais simples do desenho, ao passo que são mais faceis que o traçar as letras, são tambem mais agradaveis aos principiantes, além de habitual-os á analyse das formas. Desenhando formas symetricas e curvas elegantes, exercita-se-lhes a mão em um trabalho que lhes offerece certo interesse. (PERNAMBUCO, 1879, p. 121-122).

Esses foram alguns dos métodos que eram utilizados em Pernambuco, que segundo o Diretor da Instrução poderiam permanecer nas escolas dependendo da escolha dos professores. Dizia ele que se um método de ensino era bom conduziria rapidamente a um bom resultado. *Não digo que todo methodo é bom se dele tirar proveito o professor, a preferência naturalmente se estabelece em favor dos que são mais racionais e prontos em*

seus efeitos. (PERNAMBUCO, 1879, p.111). Dizia ser pela “liberdade dos métodos” por três motivos:

1º porque, como já disse a alguém, o modo de obter no ensino os resultados recomendados pela lei, depende muito do gosto e do gênio de cada professor, devendo cada um empregar os seus meios; 2º a liberdade deixada ao mestre, de preferir o método que mais útil lhe parece, ao passo que revela confiança, é também um estímulo que o levará a servir-se dos melhores e mais vantajosos; E 3º um método obrigatório seria não só um vexame para os mestres que não estivessem convencidos de sua profundidade, mas ainda correria o risco da depravação e do falseamento em mãos imperitas, seria muita vez o sacrifício e descredito de um bom método em prejuízo do progresso do ensino. (PERNAMBUCO, 1879, p.111).

Como vimos na citação acima, João Barbalho mostra o porquê de ser a favor da liberdade dos métodos. Para ele, cada mestre tinha gosto diferente e a forma que cada um aplicava o método aprendido se tornava diferente. Por isso, obrigar os mestres a seguirem um único método seria um verdadeiro “vexame”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode ser visto, o século XIX foi palco de muitas mudanças no campo educacional, por isso é considerado como o período de institucionalização da escola brasileira. Um dos focos principais dessas mudanças diz respeito à preocupação com a forma de ensinar. Com essa preocupação, se buscou compreender o papel do método de ensino nas escolas primárias do século XIX.

De acordo com as fontes analisadas, foi possível constatar que foi no século XIX que a escola primária começou a se organizar, com isso os métodos se tornaram meios de vantagens para o aprendizado do aluno, pois estes eram utilizados para facilitar o ensino e o trabalho do professor.

Nos protocolos de leitura dos livros escolares foram encontradas algumas descrições dos métodos de ensino. Os protocolos traziam a educação moral e física como o principal ponto da instrução no período estudado, como as únicas capazes de tornar o homem bem visto pela sociedade. Além disso, os autores viam os métodos como algo de fundamental importância para o ensino. Percebemos que estes se preocupavam com o método que seguiam em suas obras.

No entanto, os métodos de ensino estavam relacionados diretamente com a própria estrutura escolar deste período, passando do individual ao mútuo. E à medida que a escola foi se organizando, foi possível observar conceitos bem definidos em relação aos métodos de ensino nos documentos da Instrução Pública. Nesse sentido, deve-se destacar que alguns dos métodos presentes nas escolas pernambucanas não tiveram o êxito esperado porque não haviam sido produzidas as condições necessárias para a sua condução. Por essa razão, as preocupações dos responsáveis pela instrução pública abrangiam não só os métodos de ensino, mas a produção de livros para o ensino da leitura nas escolas; o acesso de alunos pobres à instrução, o papel do professor e os deveres dos alunos entre outros, com vistas a garantir as condições necessárias para o sucesso da instrução pública.

Percebemos que os métodos serviam para facilitar o trabalho dos professores e que serviam para auxiliar a rotina dos conteúdos usados nas escolas além de regulá-las.

Notamos também que vários métodos circulavam ao mesmo tempo e, como hoje, os professores tinham a liberdade de escolher o que achasse ser mais vantajoso.

4. REFERÊNCIAS

- BASTOS, Maria Helena Camara. O ensino monitorial/mutuo no Brasil (1827-1854). In: STEPHAOU, Maia, BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Vol II, Século XIX. Petropolis, RJ: Vozes, p.34-51, 2005.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, p.529-575, 1999.
- CAVALCANTI, João Barbalho Uchôa. Advertência do Grêmio dos Professores Primários. In: **Leituras Selectas para as escolas primárias**. Pernambuco: Typographia Central, 1880.
- CHARTIER, Anne- Marie; HÉBRARD, Jean. Método silábico e método global: alguns esclarecimentos históricos. **História da Educação**. Vol. 5, nº 10, Outubro. Pelotas: Editora da UFPel. p.141-154, 2001.
- CHOPPIN, Alain. **O Historiador e o livro escolar**. História da Educação, Pelotas-RS, v. 6, nº 11, abril, p.5-24, 2002.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução Elementar no Século XIX. In: LOPES, Eliana Marta Lopes Teixeira et al. (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p.135-150, 2000.
- GALVÃO, Ana Maria de O; BATISTA, Antônio Augusto G. Manuais escolares e pesquisa histórica. In: FONSECA, Thaís Nívea de Lima; FONSECA, Cyntia Greyve Veiga. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 161-188.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. Ao leitor. In: **Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primária**. 6ed. Rio de Janeiro: B.L.Garnier, 1884.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os Sentidos da Alfabetização**. São Paulo: Editora UNESP: CONPED, 2000.
- PERNAMBUCO. Publica. **Provas de candidatos a professor** aprovadas com duas esferas brancas em 1de abril de 1856. Documentação Avulsa,1855-1856. APEJE: IP- 09 - Série Instrução Pública. Directoria Geral da Instrução
- PERNAMBUCO. Inspectoria Geral da Instrução Publica. **Pernambuco**, 22 de julho de 1880,1880. APEJE: IP- 36.
- PERNAMBUCO. **Estudo sobre o Systema de ensino primário e organização pedagógica das escolas da corte, Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco (relatório)**. Apresentado ao Presidente da Provincia pelo Inspector Geral da Instrução Pública João Barbalho Uchoa Cavalcanti. Recife: Typ. de M. F. de Faria e Filhos,1879.
- SILVA, Fabiana Cristina da. **Concepções educacionais**: um confronto entre as representações contidas nos livros e em outras fontes documentais do período. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq em abril, 2003.

VALDIMARIN, Vera Teresa. Lições de coisas: concepção científica e projeto modernizados para a sociedade. In: **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 52, novembro, 2000,74-87.

Notas:

¹ Texto elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso- TCC, intitulado *Métodos de ensino nas escolas pernambucanas do século XIX: uma análise dos livros escolares* defendido no curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco- UPE, Campus Petrolina.

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco, -UPE, Campus Petrolina. Atualmente é professora da Rede municipal de ensino da cidade de Petrolina-PE. E-mail: juliannapreguica@hotmail.com

³ Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco UPE Campus Mata Norte, atuando na graduação e no Mestrado Profissional de Educação. É pesquisadora dos grupos GEHSCAL GRUPO DE ESTUDOS EM HISTÓRIA SOCIOCULTURAL DA AMÉRICA LATINA, Grupo História e Memória da UPE e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre História da Educação e Ensino de História em Pernambuco NEPEPE da UFPE. E-mail: adlene.arantes@hotmail.com

⁴ Os protocolos de leitura são compostos de prefácios, pareceres, notas ao leitor, advertências, dedicatórias, ou seja, toda e qualquer observação escrita nas primeiras páginas dos livros escolares de leitura e que não constituem o corpo propriamente dito desse objeto. Encontrados nos próprios livros escolares, os protocolos são escritos pelos atores que estão envolvidos no processo de produção dos livros: autores, editores, revisores, adaptadores; ilustradores, diretores da instrução pública da época, entre outros. Na maioria das vezes, além de um prefácio ou dedicatória do autor, vinha uma aprovação ou parecer feito por pessoas incumbidas, naquela época, de aprovar ou não o uso do livro nas escolas de instrução primária. Em alguns casos os livros continham apenas os pareceres. (SILVA, 2003, p.2.)

⁵ Ver por exemplo, Batista (1999), Galvão e Batista (2003).

⁶ Localizados nos acervos da Biblioteca Pública Estadual Presidente Castelo Branco (acervo que pertenceu à antiga Biblioteca Provincial, fundada em 1852) e do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco (fundado em 1850 em Recife).

⁷ Não localizamos informações sobre este método, apenas aparece mencionado como sendo praticado nas escolas pernambucanas.

⁸ Informamos que mantivemos a grafia original das fontes com as quais trabalhamos.

⁹ O método simultâneo foi inspirado por Jean-Baptiste de La Salle, e, introduzido a partir de 1850 generalizou-se nas escolas primárias e é praticado até nossos dias. Este método consiste em o professor instruir e dirigir simultaneamente todos os alunos, que realizam os mesmos trabalhos, ao mesmo tempo. O ensino é coletivo e apresentado ao grupo de alunos reunidos em função da matéria a ser ensinada. Os alunos são divididos de maneira mais ou menos homogênea, de acordo com o grau de instrução. (BASTOS, 2005, p.35).

¹⁰ Esse documento é muito mais que um relato do que acontecia nas escolas pernambucanas na época. Trata-se de um estudo sobre o sistema de ensino primário e a organização pedagógica das escolas da Corte, do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Pernambuco que foi elaborado pelo Inspetor Geral da Instrução Pública de Pernambuco, João Barbalho Uchôa Cavalcanti em 1879.

¹¹ No relatório analisado, o autor traz partes da obra original de João de Deus, *A Cartilha Maternal ou a Arte da Leitura*, editada em 1876, em Portugal.

Recebido: julho-15 Aprovado: dezembro-15